

AS PRIMEIRAS ASPIRANTES NA ESCOLA NAVAL*

HERCULES GUIMARÃES HONORATO¹
Capitão de Mar e Guerra (RM1-IM)
DÉBORA DE ARAÚJO RABELLO²
Capitão-Tenente (T)

SUMÁRIO

Introdução
Uma breve história da mulher nas Forças Armadas brasileiras
Os valores militares
Primeiros passos: a mulher no setor de formação do Corpo de Aspirantes
O estágio de adaptação de 2014
A análise do instrumento de coletas de dados
Considerações finais

INTRODUÇÃO

[...] Nós somos as Sentinelas dos Mares
Do glorioso Brasil
Marinheiros! Avante!
Marinheiros! “Rumo ao mar”!
“Tudo pela Pátria”! [...]
(*Sentinelas dos Mares*, Hino-canção da Escola Naval³)

* Artigo publicado originalmente na Revista de Villegagnon, nº 9, 2014, sob o título “As primeiras aspirantes na Escola Naval: inclusão, trajetórias iniciais e boas-vindas às novas ‘Sentinelas dos Mares’.

1 Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (Unesa).

2 Pedagoga, pós-graduada em Dificuldades de Aprendizagem pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

3 Letra e música do Asp. Luiz Felipe de Magalhães (ESCOLA NAVAL, 1957, p. 58, grifo nosso).

Ao ser apresentado ao hino-canção da Escola Naval (EN), “Sentinela dos Mares”, em 1979, como calouro, aprendi-o com o “bis” que está descrito na epígrafe acima: “Nós somos as Sentinelas dos Mares, do glorioso Brasil”. E assim os anos foram passando. Ao retornar ao solo sagrado de Villegagnon, agora na reserva e como instrutor dos nossos futuros oficiais, pude verificar a mudança do artigo flexionado para o masculino, quando cantei diferente de todos ao meu redor e principalmente dos pelotões dos aspirantes que passavam pelo majestoso “Bonosão” em direção ao histórico túnel.

A inquietação do pesquisador foi aflorada. Partiu-se, então, para verificar o que tinha ocorrido. O autor da letra e música foi o Aspirante Luiz Felipe de Magalhães, que o lançou ao público interno da EN, e o reconhecimento como hino-canção ocorreu por intermédio da *Revista Galera* (ESCOLA NAVAL, 1943, p. 6). Podemos verificar que realmente está escrito originalmente o artigo masculino flexionado “os”. Não seríamos detidos apenas pelo original, tínhamos que encontrar o que aconteceu. De posse de um exemplar de 1957 do livro de bolso *Nossa Voga* (ESCOLA NAVAL, 1957, p. 58, grifo nosso), observamos que apresentava o artigo feminino como o havia aprendido em 1979, ou seja, “Nós somos as Sentinelas dos Mares, do glorioso Brasil”. Segundo o Dicionário *online* Priberam⁵, “sentinela” é substantivo feminino, logo caberia o artigo no feminino. Atualmente o pequeno livro de boas-vindas à EN ainda continua sendo distribuído aos novos aspirantes, tendo retornado ao masculino plural, original do autor (ESCOLA NAVAL, 2009, p.115).

Em 2014, a EN recebeu as primeiras 12 aspirantes, já incorporadas ao Corpo de Intendentes da Marinha (CIM). Não desejamos começar este artigo com uma discussão sobre gênero, mas sim apresentar as boas-vindas às novas “Sentinelas dos Mares”. Este estudo, portanto, é de cunho qualitativo, bibliográfico exploratório e com dados de pesquisa longitudinais, visto que acompanharemos as 12 novas aspirantes durante sua formação acadêmica na Escola Naval, de onde sairão guardas-marinha intendentes em 2017. A ideia precípua é procurarmos compreender a formação da construção da identidade social da jovem mulher militar oriunda da graduação superior via aquartelamento. O período inicial de coleta de dados foi o da adaptação, que ocorreu no mês de janeiro de 2014. O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas às adaptandas⁶.

Assim exposto e para o atingimento do objetivo colimado, este artigo está dividido em três seções principais. Começamos por uma breve história sobre a mulher nas Forças Armadas e em especial na Marinha, até a chegada das candidatas a aspirantes na EN. A segunda parte trata do período de adaptação à vida militar e dos valores que são ensinados, sendo que o companheirismo e o espírito de corpo foram os destacados. A terceira parte aborda os primeiros passos das pioneiras mulheres na EN visto pela primeira mulher oficial a fazer parte do Estado-Maior do Comando do Corpo de Aspirantes (ComCA). A quarta seção é uma análise do instrumento de coletas e a caracterização dos sujeitos da pesquisa. Espera-se que este estudo seja relevante para a construção de pontes sólidas no trato

4 Bonosão – estrutura arquitetônica, um lugar destacado e reservado, utilizado para as solenidades militares.

5 Disponível em: <<http://www.priberam.pt/DLPO/sentinelas>>. Acesso em: 29 set. 2014.

6 Adaptando – termo que designa o futuro aspirante durante o período compreendido entre sua apresentação e a sua matrícula no ciclo escolar (BRASIL, 2014, p. 1.1).



Três oficiais e as primeiras 12 aspirantes em 2014

das futuras jovens que farão a opção de serem oficiais da Marinha, por intermédio do aquartelamento e da vida na caserna durante a sua graduação.

UMA BREVE HISTÓRIA DA MULHER NAS FORÇAS ARMADAS BRASILEIRAS

Em 24 de outubro de 1979, o então senador da República por São Paulo Orestes Quércia submeteu o Projeto de Lei (PL) de nº 323, que tratava do ingresso voluntário de mulheres nas academias militares de nível superior. O projeto, em seu art. 1º, ainda reservava um percentual de vagas para candidatas do sexo feminino. Em 28 de novembro de 1979, a Comissão de Constituição e Justiça do Senado rejeitou o referido PL, argumentando que o mesmo era inconstitucional, pois

colidia com o art. 81, item V, da Constituição Federal em vigor, “que diz competir privativamente ao Presidente da República ‘dispor sobre a estruturação, atribuições e funcionamento dos órgãos da administração federal’” (BRASIL, 1979, p. 1).

À época a Marinha crescia com a aquisição, no exterior, e construção, no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ), de modernas fragatas da classe *Niterói*, entre outros meios operativos, além de equipar, com mão de obra de nível técnico e universitário, o Centro Médico Naval do Rio de Janeiro, um complexo hospitalar recém-inaugurado que incluía também o Hospital Naval Marcílio Dias. Aproveitando-se da ideia das mulheres nas Forças Armadas e da necessidade de liberar o militar operativo para as “atividades relacionadas diretamente com a preparação e o emprego do



Chegada à Escola Naval

Poder Naval” (MENDES, 2010, p. 1), em 7 de julho de 1980, com a promulgação da Lei nº 6.807, foi criado pelo ministro da Marinha, Almirante de Esquadra Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, o Corpo Auxiliar Feminino da Reserva (CAFRM), composto por um quadro de oficiais e outro de praças (ANDRADA; PERES, 2012). Neste ano (2014), pela primeira vez, inseriram-se na caserna 12 aspirantes no Curso de Graduação da Escola Naval (EN), visando à formação de oficiais intendentess mulheres.

Pioneiras na formação militar superior na Marinha do Brasil (MB), representam apro-

ximadamente 1,5% do total de discentes da instituição.

A caserna tem por característica ser um território dos homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina. Uma vez que as oportunidades foram abertas, as mulheres estão demonstrando sua alta capacidade de decisão, autonomia e comando

A Força Aérea Brasileira (FAB) admitiu o ingresso de mulheres em 1982, inicialmente em atividades administrativas e na área da saúde, similar ao realizado pela MB. Em 1996, utilizando o mandamento constitucional de que “homens e mulheres são iguais em direitos, obrigações e oportunidades” (TAKAHASHI, 2002, p. 135), o então ministro da Aeronáutica, Brigadeiro Mauro Gandra, admitiu na Academia da Força Aérea (AFA) as primeiras mulheres

em curso de formação superior, no quadro de Intendência, para o “recebimento de uma

formação acadêmico-militar idêntica à dos homens em curso de formação de oficiais de carreira e a possibilidade de atingir o generalato” (TAKAHASHI, 2002, p. 135). A partir de 2002, a possibilidade profissional das mulheres na AFA foi ampliada, com a opção, durante o concurso de admissão, para o ingresso no Curso de Formação de Oficiais Aviadores (CFOAv), destinando-se a “aumentar a participação feminina no curso, compensado o fato de que não há vagas para mulheres na Escola Preparatória de Cadetes do Ar (EPCAR), de onde provém a maior parte dos cadetes aviadores da AFA” (SANTOS, 2006, p. 38).

No Exército Brasileiro (EB), foi criado um Quadro Complementar de Oficiais em 1990. “Diferentemente da Marinha e da Aeronáutica, as mulheres ficaram reunidas num quadro à parte; no Exército foi criado o Quadro de Oficiais Auxiliares, composto por homens e mulheres, para o exercício de funções técnicas” (ANDRADA; PERES, 2012, p. 36). A Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012, que dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército, em seu art. 7º, determina que “o ingresso na linha militar bélica de ensino permitido a candidatos do sexo feminino deverá ser viabilizado em até cinco anos a contar da data de publicação desta Lei” (BRASIL, 2012, não paginado). Deste modo, a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX) está ultimando obras em suas instalações para o recebimento, a partir de 2017, das primeiras mulheres para um curso

regular da carreira militar da Força⁷, nos quadros de Material Bélico e Intendência.

OS VALORES MILITARES

A caserna tem por característica ser um território dos homens, principalmente por envolver atividades de risco, força e de forte rigor da disciplina. Carreiras (2004, p. 91) argumenta que, apesar dessa tentativa atual de “equalização estatutária entre militares de ambos os sexos, persistem ainda diversas restrições ocupacionais e as mulheres continuam maioritariamente excluídas de

O espírito militar pode ser resumido como a exaltação ao sentimento do dever que emana em prol da sociedade, o respeito à disciplina, a abnegação, a lealdade e a coragem física e moral

funções relacionadas com o combate”. Porém, uma vez que as oportunidades foram abertas, “as mulheres estão demonstrando sua alta capacidade de decisão, autonomia e comando [...] os desafios agora são o pleno acesso das mulheres às atividades de risco e às mais altas funções de comando e de decisão”

(ANDRADA; PERES, 2012, p. 14-15).

É importante realçar que as bases do trabalho em qualquer organização, inclusive a militar, são os seus valores, que norteiam também os objetivos pessoais e, consequentemente, devem estar em consonância com os princípios e valores organizacionais, que servirão de base para melhorar a eficiência do trabalho, pois deverá haver o alinhamento dos objetivos dos trabalhadores aos da empresa, orientando ambos a uma direção com o mesmo fim (RIBAS; RODRIGUES, 2009). Os valores organizacionais dizem respeito ao comportamento desejado do indivíduo em relação ao seu ambiente de

⁷ Disponível em: <http://correio.rac.com.br/_conteudo/2014/03/ig_paulista/164113-espce-x-prepara-as-primeiras-mulheres-combatentes-do-brasil.html>. Acesso em: 26 set. 2014.



A aspirante no pau de surriola para embarque em lancha

trabalho, como motivador de seu relacionamento com as tradições de sua instituição, comunicados e transmitidos entre seus membros, sem deixar de possuir certa correspondência com os valores pessoais.

Castro (2004, p. 15) argumenta, em seu estudo antropológico na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), que “o cadete vive um processo de socialização profissional durante o qual deve aprender os valores, atitudes e comportamentos apropriados à vida militar [...] é na interação com outros cadetes e com os oficiais que ele aprende como é ser militar”. Esse autor, citando Dornsbuch (1995), afirma que as academias militares se constituem “no ‘exemplo extremo’ de uma ‘instituição assimiladora’: ela isola os cadetes do mundo de fora, ajuda-os a se identificar com um novo papel, e, assim, muda sua autoconcepção” (*apud* CASTRO, 2004, p. 35).

Nesse isolamento, os novos discentes militares começam a conhecer os valores

e as virtudes dos militares – em especial, são apresentados à hierarquia e à disciplina, binômio estrutural da vida na caserna. Schirmer (2007) apresenta-nos 30 virtudes da carreira das armas e, para representar esse período de assimilação à vida militar dos jovens e das jovens, podemos pinçar inicialmente a “camaradagem” e o “espírito militar”. O espírito militar, segundo esse autor, pode ser resumido como a exaltação ao sentimento do dever que emana em prol da sociedade, o respeito à disciplina, a abnegação, a lealdade e a coragem física e moral – “é a fonte onde o soldado busca o bálsamo a ser derramado nas chagas abertas pelas inevitáveis adversidades da vida castrense” (SCHIRMER, 2007, p. 31).

Segundo o dicionário *online* Priberam da Língua Portuguesa⁸, camaradagem significa convivência entre companheiros; e solidariedade ou amizade entre colegas. Schirmer (2007, p. 96) afirma que ela estabelece “o

⁸ Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/camaradagem>>. Acesso em: 28 set. 2014.

sadio relacionamento entre os componentes de uma Força Armada, cria a união e a confiança, fortalece as tradições, solidificando os ideais comuns [...]. Estrutura-se na ajuda e na solidariedade recíproca, na confiança [...] na lealdade”. O que pode ser ratificado no livro *Nossa Voga*, que todos os novos aspirantes recebem para começar no trato das lides marinheiras. Ele afirma que “uma das mais belas virtudes que nós, militares, indiscutivelmente possuímos é o coleguismo [...]. Não esqueça nunca que as amizades iniciadas na Escola Naval são as mais sólidas e duradouras” (ESCOLA NAVAL, 1957, p. 30-32). Na versão atual, de 2009, “a vida acadêmica traz consigo o conceito de turma, conjunto dos aspirantes que ingressam em um mesmo ano na Escola Naval, e em um mesmo ano – que identifica a turma – são declarados guardas-marinha” (ESCOLA NAVAL, 2009, p. 61).

O Contra-Almirante Alberto de Lemos Basto, em 1941, proferiu as seguintes pa-

lavras dirigidas aos alunos do então curso prévio⁹: “Começais hoje vida nova. Trocaís a liberdade de estudante ginásial e a vida de casa pelo regime exatamente estabelecido do internato da Escola Naval [...] a par de suas obrigações nela tereis recreio e passatempo agradável” (ESCOLA NAVAL, 1957, p. 38). E, assim, entraram em 2014, pela ponte principal da histórica Ilha de Villegagnon, para o período de adaptação, vestidos de calça jeans, camiseta e tênis branco, 236 jovens brasileiros, homens e mulheres, em busca do sonho de serem os novos “Sentinelas dos Mares do glorioso Brasil”.

PRIMEIROS PASSOS: A MULHER NO SETOR DE FORMAÇÃO DO CORPO DE ASPIRANTES

Em 2013, a EN recebeu a demanda oficial, confirmando uma especulação de décadas: havia chegado a hora em que re-



As aspirantes fazendo força no cabo de guerra

9 Curso Prévio – curso preparatório de um ano realizado na própria EN, antes da instalação do Colégio Naval em Angra dos Reis.

ceberíamos nossas primeiras mulheres. O que, num primeiro momento, parecia irreal, devido à tradição secular na formação de jovens do gênero masculino, tornou-se uma preocupação real e emergente: por onde começar? Toda grande mudança requer uma série de ações a serem empreendidas. Esta foi a preocupação da MB desde o início: preparar cuidadosamente a “casa”. É aqui que começa a atuação da primeira oficial mulher integrante do Estado-Maior do Comando do Corpo de Aspirantes (ComCA). Servindo na instituição desde 2010 na área do ensino, a capitão-tenente do Quadro Técnico, pedagoga de formação, Débora de Araújo Rabello integrou desde o início a equipe que seria responsável pelas transformações, pelo recebimento e pela condução da formação das aspirantes. Posteriormente, duas outras oficiais (uma intendente da Marinha e uma psicóloga, ambas também capitães-tenentes) embarcariam para que, juntas, formássemos essa equipe multidisciplinar.

Apesar de servir havia três anos na EN, a Tenente Débora não tinha conhecimento sobre a rotina dos discentes, como os comandantes de Companhia e outros oficiais do setor em questão. Havia a necessidade de se falar uma linguagem única, vivenciar suas atividades, participar de seu cotidiano para então poder começar a trabalhar essa rotina para as mulheres. E assim foi. A oficial lembra da primeira vez em que passou inspeção em uma Companhia de Aspirantes durante uma parada escolar: “Olhares assustados, interrogações quase que palpáveis. As feições não deixavam dúvida do que se passava em suas mentes naquele momento – ‘uma mulher passando inspeção em homens? Como? Nunca foi assim!’.” E o seu desbravamento por ambientes outrora estritamente masculinos só estava começando.

A tenente em questão foi a primeira mulher a concorrer ao emblemático serviço de

oficial de Serviço do Corpo de Aspirantes (OSCA), a passar inspeção em camarotes e alojamentos etc. Os comentários são interessantes porque foi um momento fundamental para que obtivéssemos sucesso em nosso objetivo: o de bem receber as novas aspirantes. Ela, como mulher, precisava ter acesso aos aspirantes, bem como os demais oficiais do setor ComCA precisariam ter esse mesmo acesso quando elas chegassem. A sua presença nos ambientes ditos “masculinos” mostrou-nos que mudanças seriam necessárias e até que ponto poderíamos avançar.

Uma das primeiras preocupações práticas do setor foi o óbvio: onde elas ficariam alojadas? E, depois de muitas deliberações, testes e reuniões, ficou decidido que não só o lugar de suas instalações, mas tudo que permearia sua formação, seria o mais idêntico possível ao destinado aos demais discentes. Assim, nada de um prédio isolado com regalias, ou que não fosse preciso subir tantas escadas quanto eles. Parece simples, mas desde o início era desejado colocá-las em patamar de turma, onde seriam aspirantes, subiriam escadas, correriam enquanto primeiro-anistas, enfim, participariam de tudo o que fosse previsto.

Outro grande marco foi a adaptação das Normas do Comando do Corpo de Aspirantes. Não foi preciso mexer em sua estrutura, mas foi detalhado o uniforme para as áreas comuns, foram incluídos procedimentos para inspeção de camarotes e alojamentos (caso o oficial fosse do sexo oposto), foram inseridas as regras para uso do uniforme feminino, dentre outras instruções necessárias. Conforme a tenente argumenta:

– Sempre gosto de me lembrar de como era engraçado explicar aos oficiais a diferença entre *scarpin* e mocassim (sapatos previstos para mulheres no Regulamento de Uniformes da Marinha do Brasil). Engraçado porque nos preparamos no detalhe. Eles

também passariam inspeção nelas; precisavam, agora, aprender a minuciosidade do uniforme feminino.

O ESTÁGIO DE ADAPTAÇÃO DE 2014

O período de adaptação é uma fase de transição brusca e intensa, como afirma Castro (2004, p. 19), “uma ‘peneira’ que visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira militar”. É um período em que os novatos não têm tempo nem para pensar, com todos os momentos ocupados por algumas atividades – físicas, militares e até burocráticas. Segundo esse autor, a preocupação dos oficiais é “homogeneizar” os cadetes o mais rapidamente possível em relação ao nível de formação militar [...] dão à intensidade do processo de socialização profissional militar, combinado ao fato de que esse processo ocorre em relativo isolamento ou autonomia” (CASTRO, 2004, p. 24 e 34).

Todo oficial de Marinha oriundo da EN com certeza se lembra do Estágio de Adaptação que realizou em Villegagnon. Seja por momentos iniciais com a cultura militar e o rigor da apresentação dos valores como hierarquia e disciplina, seja pelos momentos em que um simples “virar à direita” não saía ao mesmo tempo, porque um novo companheiro o fez de maneira errada, e assim todos os integrantes do pelotão “pagavam” com flexões, polichinelos e um mundo de verbos e predicados

em tons mais elevados são expostos pelos adaptadores como forma de criar a união e o espírito de grupo, depois espírito de turma e, mais tarde, o de corpo, um dos valores doutrinados pelo percurso da carreira de todos os marinheiros.

A sequência inicial de antiguidade é composta primeiro pelos alunos oriundos do Colégio Naval, carregando a sua classificação do final do terceiro ano da instituição; são incorporados os discentes repetentes; depois vêm os alunos do concurso público do gênero masculino; a seguir os estrangeiros matriculados que passaram pelo estágio de qualificação realizado no ano anterior; e, por último, as 12 adaptandas. O Estágio de Adaptação é regulado internamente pela Norma do Comando do Corpo de Aspirantes (BRASIL, 2014, p. 1-1) e visa a “definir responsabilidades e estabelecer normas para o planejamento, execução e controle das

O período de adaptação é uma fase de transição brusca e intensa, “uma ‘peneira’ que visa levar à desistência as pessoas que não possuem vocação ou força de vontade suficiente para o ingresso na carreira militar”

atividades referentes ao Estágio de Adaptação de candidatos a aspirantes”.

Esse estágio é bem regulado pela norma citada, inclusive com um quadro de trabalho semanal, planos das diversas aulas, procedimentos para o recebimento de uniformes, livros, censo odontológico. No caso dos adaptandos oriundos de concurso público, uma rotina especial é preparada por ocasião da realização do exame psicotécnico. Em suma, completam com muita ordem-unida e por diversas atividades esportivas.

Um dos meios utilizados para a união entre os candidatos a aspirantes ou futuros calouros foi a criação de pelotões com no-

mes temáticos e com bandeiras com efeitos visuais. Temos as bandeiras dos pelotões assim denominadas: “A” – Esparta, “B” – Anfíbio, “C” – Insano, “D” – Inferno, “E” – Neurótica, e “F” Fúria. Os hinos, brados e as cantorias motivacionais são importantes nesse período, e um chamou muito a atenção deste autor pelo viés machista e brincalhão que trás em sua letra, visto que agora temos as jovens mulheres. A letra, bastante interessante, diz o seguinte: “Não venha me dizer que você vai cansar; que a perna está bamba e pode desmaiar; que o braço está doendo de tanta flexão [...] aqui é assim mesmo, quem não aguenta sai. Pega suas coisas e volta para o papai; *iarara*, eu não tô nem aí, se tu não aguenta, então pede para sair; *iarara*, eu não tô nem aí. Eu não terei pena de ti”.

A conclusão que podemos tirar, sem caminharmos para o lado da discussão de gênero, é que “papai” rima com “sai” e, assim, a ordem unida é realizada, os erros iniciais são cometidos, as flexões são determinadas, alguns poucos desistem e, em sua maioria, os jovens vão se adaptando à vida da caserna, da instrução e do adestramento. Como informação complementar, dos 236 calouros que iniciaram o período de adaptação, apenas oito desistiram e não continuaram; todas as 12 jovens novatas na vida militar e na EN continuaram.

A ANÁLISE DO INSTRUMENTO DE COLETAS DE DADOS

Esta pesquisa foi iniciada em janeiro de 2014, durante o Estágio de Adaptação. Foi utilizado um questionário, com perguntas abertas e fechadas, para as 12 aspirantes. Porém, como temos que cumprir um número máximo de páginas para submissão do estudo, resolvemos optar por trabalhar somente com algumas questões. O questionário em questão foi composto de duas

partes: a primeira trata da origem social e de sua escolarização; e a seguinte sobre as expectativas quanto à profissão escolhida. A identidade das respondentes foi preservada, e as respostas, quando mencionadas, serão discriminadas pelo código alfanumérico de “Asp. 1” a “Asp. 12”, escolhidos aleatoriamente, independentemente de classificação na turma.

Na primeira parte, que trata da vida acadêmica e familiar da aspirante, podemos iluminar que, em sua maioria, são do estado do Rio de Janeiro, e oito realizaram o ensino médio em instituição pública, sendo que cinco foram oriundas de algum Colégio Militar. Cinco respondentes têm os pais com a origem militar. Na pergunta que tratava de avaliar a opinião dos familiares a respeito da escolha de uma profissão militar, a resposta foi unânime: o apoio total da família. Como afirmam em suas respostas, “se orgulham de eu ter ingressado na Marinha e me apoiam nessa escolha” (Asp. 4), ou “eles se dizem muito orgulhosos da minha brilhante escolha” (Asp. 5); ou, ainda, “me apoiam totalmente e valorizam muito minha escolha” (Asp. 8).

Uma pergunta procurou ser o termômetro do que as futuras aspirantes pensavam quando estavam vivenciando o Estágio de Adaptação. A questão foi direta ao tema de desistir e pedir para sair, mas a resposta “não” foi repetidamente escrita, inclusive a Asp. 4 asseverou que estava “focada no meu objetivo”, o que foi ratificado pela Asp. 5 – “Não, nenhuma vez, inclusive, sempre que as meninas choravam na adaptação eu dava muita força e apoio”. Pode-se verificar que o espírito de corpo e o companheirismo já estavam sendo cultivados entre o pequeno grupo de adaptandas.

Uma pergunta avaliou a relação delas com o universo masculino na EN. Umas falaram que estava tranquilo, outras de muito respeito, ou mesmo normal – “os

aspirantes (meus companheiros de turma) me aceitaram bem na turma, sobre os oficiais, às vezes parece que cobram de mim por eu ser mulher” (Asp. 3). A Asp. 11 confirma que é uma ótima relação, “com muito respeito e companheirismo”. O que é ratificado pela Asp. 12: “muito boa, eles nos receberam sem nenhuma discriminação e ficamos gratas por isso”. Uma resposta interessante foi a da Asp. 5: “A cada dia um aprendizado e um crescimento pessoal e já até me chamam de Tamagotchi, pois todos me ‘adotaram’ e me ajudam bastante com as fainas”. As brincadeiras no grupo, desde que sadias, fazem com que a relação de amizade floresça, pois sempre que um apelido amigo e aceito é colocado em um colega, todos passam a reconhecer na pessoa o carinho e a descontração existente intragrupo.

Em relação às perguntas sobre as expectativas quanto à profissão escolhida, uma procurou entender o que as jovens, futuras tenentes intendentess, esperam no trato com o ambiente masculino das unidades militares para as quais forem designadas depois de formadas. Todas as respostas mostraram que elas são maduras e responsáveis e acreditam que vão lidar com os oficiais e praças da mesma maneira como estão aprendendo na EN: “com respeito e cordialidade” (Asp. 4); “mantendo a compostura, mostrando aos militares que nós também podemos ser excelentes Oficiais” (Asp. 1); e “com muita postura e profissionalismo no ambiente de trabalho; ética e respeito de um para com outro” (Asp. 5).

Uma questão procurou avaliar, nesse início em Villegagnon e no período de adaptação, qual seria o seu maior desafio. Algumas responderam já pensando no período do ciclo escolar, como a Asp. 3, que está preocupada na parte da educação física, ou a Asp. 4, no nível de dificuldade acadêmico, ou ainda a Asp. 9, em “orga-

nizar sempre o meu tempo para conseguir fazer tudo o que é preciso”, ou a sinceridade da Asp. 7 em “superar minha timidez”, ou até mesmo a Asp. 2, que não sabe qual será o seu maior desafio. Duas interessantes respostas foram dadas: pela Asp. 8 – “conciliar minha família com minha vida profissional”, e pela Asp. 12 – sobre a “distância da família quando embarcar por muito tempo em viagens longas”.

Tendo este artigo o foco no Estágio de Adaptação, uma pergunta procurou colher sugestões para a sua melhoria. A Asp. 4 sugeriu “visitações a ambientes onde trabalham os oficiais da Intendência, do Corpo da Armada e de Fuzileiros Navais”, o que não acontece nesse período em questão, mas sim durante o ano acadêmico nas chamadas Práticas Profissionais Navais (PPN). A Asp. 2 argumentou da necessidade de “mais instrução sobre o uso do uniforme”. Quatro respondentes foram enfáticas em realçar a necessidade de mais tempo para “higiene pessoal” e “poder lavar as mãos antes das refeições”.

A última questão que será exposta trata sobre a escolha pela MB, e se elas tinham alguma noção acerca da profissão escolhida, ou seja, de ser uma oficial do CIM. Três responderam simplesmente que “não” e quatro “um pouco”, inclusive uma delas fez uma pesquisa sobre a formação das mulheres intendentess na AFA. Cinco responderam que “sim”. A Asp. 5 explicou que, pelo fato de “ter passado para as duas Marinhas (Mercante e de Guerra), pesquisei muito sobre ambas e inclusive conversei com os aspirantes já formados”.

O período da realização da coleta das respostas foi ao final do estágio, o que demonstra que algumas respostas já estavam revestidas de relações positivas no trato do grupo entre os seus integrantes. Mesmo assim, é sabido que a pouca experiência do meio militar, principalmente dos

adaptandos oriundos do concurso público ou mesmo daqueles que não fizeram o seu Ensino Médio em um dos Colégios Militares, sempre será mais sentida em qualquer jovem, seja homem ou mulher. O que pode ser corroborado pelas palavras da Asp. 3 sobre o estágio: “Eu me sairia melhor se soubesse mais ou menos como seria. Não estava nem um pouco preparada quando cheguei aqui”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existe um aumento da participação das mulheres em diversas ocupações profissionais, até pouco tempo notadamente masculinas. Temos uma presidente da República eleita em 2010, uma oficial-general promovida em 2013, temos mulheres trabalhando na construção civil, como motoristas de ônibus e até em aviões de combate. A mudança estrutural nas relações entre gêneros evoluiu consideravelmente nos últimos anos e, como somos frutos de

uma construção social histórica, uma vez abertas as oportunidades, as mulheres estão demonstrando seu valor e sua capacidade de decisão e liderança.

O aspirante recém-admitido na Escola Naval é tradicionalmente chamado de calouro. Existe uma frase ouvida desde os primeiros momentos da adaptação, ainda sem uniforme de militar: “Quanto mais ouro mais calouro, quanto mais prata mais pirata”. A pressão sob vários aspectos que é exercida nesse período em questão, com exercícios físicos, treinamentos militares e muita informação sobre a carreira e a cultura naval, faz parte de melhor prepará-los para o dia a dia repleto de atividades, tanto acadêmicas quanto militares, do ciclo escolar e da vida naval. É um período que não se dá para parar e pensar, o tempo todo é ocupado. Ao final, procura-se criar uma unidade coletiva e social em mais de 230 jovens de diferentes origens, mas que, no conjunto e a partir do início do caminhar por Villegagnon, não sentiram a questão de



Exercícios físicos

gênero, pois são antes de tudo militares e com um único objetivo: receber a espada ao final de 2017, sendo declarados guardas-marinha, e, no futuro, “alcançar a patente mais alta e ser muito respeitada por fazer parte da primeira turma de mulheres da Escola Naval” (Asp. 9).

Portanto, no momento de formação de um pequeno grupo de pioneiras, a Escola Naval deseja que as aspirantes conheçam as representações sociais militares, descubram sua vocação, apreendam o estilo de vida da tropa e os valores militares. Além disso, aspiramos a que se conscientizem sobre os comportamentos desejáveis que deverão seguir na profissão castrense, de dedicação à Força, à Pátria, sem se esquecerem de que são mulheres e cidadãs, integrantes ativas de uma sociedade que busca, em suas cores e ações, respaldo para um país forte e gigante pela própria natureza.

Este autor foi convidado a fazer uma palestra sobre o Corpo de Intendentes da Marinha para a turma de aspirantes na Disciplina de Cultura Organizacional Militar. Aproveitamos a oportunidade e construímos uma dinâmica ao final da aula. Elas teriam que responder a apenas uma pergunta: do início da adaptação até agora, que mudanças internas e externas como pessoas e como militares elas puderam perceber? As respostas foram interessantes e estão

transcritas abaixo por intermédio de uma costura textual dos pontos considerados importantes, que, em certa medida, foram discutidos neste artigo.

“Ingressei na Marinha do Brasil, sem experiência nenhuma do que era militarismo e muito menos do que era ser militar. Foi um período difícil o da adaptação, em que aprendi a resolver os problemas tanto meus quanto das pessoas que estão ao meu redor. Eu era muito imatura e tímida, passei a ser uma pessoa mais organizada, mais responsável, mais segura, aprendi a cumprir ordens sem questionamentos, também a camaradagem todos os dias de nossa formação e a desenvolver novas aptidões. Outro ponto é o meu lado esportivo, o qual eu não tinha desenvolvido até então, hoje pratico esporte e gostaria de estar sempre praticando. São muitas as dificuldades, muitas mesmo, mas encontrar a cada dia um motivo profissional para ficar é satisfatório demais, pois estou crescendo e melhorando. Já pensei em desistir uma vez, que a rotina é exaustiva, mas, de alguma forma, eu sinto que aqui é meu lugar. Estou aprendendo a ser feliz aqui e, pelo que eu vi até agora do CIM, eu acho que fiz a escolha certa em vir para a Escola Naval como intendente. Eu tinha apenas duas irmãs, eu ganhei mais 11 irmãs e 261 irmãos e companheiros de turma.”

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<EDUCAÇÃO>; Escola Naval; Aspirante; Corpo Feminino; Corpo de Intendentes;

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, S. A. de; PERES, H. M. *Mulheres a Bordo: 30 anos da mulher militar na Marinha do Brasil*. Rio de Janeiro: Hmperes & Associados, 2012.
- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.705, de 8 de agosto de 2012. Dispõe sobre os requisitos para ingresso nos cursos de formação de militares de carreira do Exército. Diário Oficial [da] União, 9 ago. 2012.
- _____. Senado Federal. Comissão de Constituição e Justiça. Parecer nº 20, de 28 de novembro de 1979. Brasília, DF. Serviço de Atendimento ao Usuário da Secretaria de Arquivo do Senado Federal (SARQ), 1979.
- _____. Marinha do Brasil. Escola Naval. Normas do Comando do Corpo de Aspirantes. En-30. Cap. 1. Rev. 5, 2014.
- CARREIRAS, H. “Mulheres em contextos atípicos: Lógicas de exclusão e estratégias de integração feminina nas Forças Armadas”. *Etnográfica*, v. VIII, nº 1, p. 91-115, 2004.
- CASTRO, C. *O Espírito Militar: um antropólogo na caserna*. 2ª ed. revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- ESCOLA NAVAL. *Nossa Voga*. Publicação destinada aos novos aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 1957.
- _____. *Revista Galera*. Rio de Janeiro, nº 79, ago. 1943.
- _____. *Nossa Voga*. Publicação destinada aos novos aspirantes da Escola Naval. Rio de Janeiro, 2009.
- MENDES, L. C. K. B. *Subsídios sobre a presença da mulher na MB*. Brasília, DF: Centro de Comunicação Social da Marinha, 2010.
- RIBAS, F. T. T.; RODRIGUES, C. M. C. “Valores organizacionais declarados e implantados: uma percepção entre o real e o desejado”. *Revista Iberoamericana de Engenharia Industrial*, Florianópolis, v. 1, nº 2, p. 43-60, dez. 2009.
- SANTOS, A. C. A. dos. “O empenho de Aviadoras na Aviação de Caça da Força Aérea Brasileira”. *Revista Unifa*, Rio de Janeiro, v. 18, nº 21, p. 35-47.
- SCHIRMER, P. *Das Virtudes Militares*. Rio de Janeiro: BIBLIX, 2007.
- TAKAHASHI, E. E. Homens e Mulheres em campo: um estudo sobre a formação da identidade militar. 276f. 2002. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2002.